



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6270 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 13 - Educação de Jovens e Adultos

O DISCURSO PEDAGÓGICO SOB O OLHAR DOS IMPLÍCITOS

Rodrigo Ademar Bender - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

Sita Mara Lopes Sant Anna - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

O DISCURSO PEDAGÓGICO SOB O OLHAR DOS IMPLÍCITOS

Considerando que o momento atual em que se vive no Brasil, em fase de incertezas, tensões e transições no campo político, as quais reverberam intensamente no campo educacional, e com a regulamentação da nova Base Nacional Curricular Comum – BNCC, a qual estimula quais os saberes básicos que o discente deve possuir, perante sua característica de escolha, se esbate sobre o funcionamento discursivo docente a ser assumido. Com isso, torna-se relevante a discussão à cerca da produção do Discurso Pedagógico (DP) e de sua relação, com noção dos implícitos em sua formulação. Assim, desenha-se um panorama de observação do funcionamento dos implícitos, que em referência a Achard (2007, p. 12) diz que: “A representação usual do funcionamento dos implícitos consiste em considerar que estes são sintagmas cujo conteúdo é memorizado e cuja explicitação (inserção) constitui uma paráfrase controlada por esta memorização.”

Para tanto, como objetivo deste trabalho, propõe-se debater, do ponto de vista discursivo, questões ligadas ao DP e ao funcionamento que os implícitos, estes sob a base de um imaginário, que o representa como memorizado, e o evoca na formulação do discurso, referendando-o em formas que permitam sua inserção por paráfrase. Em especial, a relevância que os implícitos possuem no funcionamento do DP, mediando as (re)formulações, no enquadramento, do discurso docente a ser proferido. Como também, a partir de uma posição assumida em relação ao arcabouço teórico da Análise de Discurso de Linha Francesa, discorrer sobre o estatuto dos implícitos, na estruturação do discursivo em relação ao DP.

Em sentido de demarcar o objeto de estudo a partir das subjetividades que circulam nos discursos dos sujeitos, optou-se pela pesquisa de tipo qualitativa, por afirmar a relevância dos atores sociais, a significação dos valores ético-políticos, a interdependência entre a teoria e a prática e pelo fato de os pesquisadores comprometem-se com a prática, a emancipação humana e a transformação social (FLICK, 2013).

Para que se discorra sobre o objetivo proposto, organiza-se da seguinte forma: primeiramente se elabora um apanhado de cunho bibliográfico e conceitual ao que é ligado ao DP e ao estatuto dos implícitos; já o contorno do caminho metodológico é traçado em seguida, e nele se mostra a maneira com que é feita a aproximação ao objeto de estudo, com ênfase na explicitação teórico-metodológica da Análise de Discurso da linha francesa de Michel Pêcheux (1993). Por fim, como considerações finais, uma síntese daquilo que foi escrito no tocante aos implícitos em presença no domínio do DP.

Por docência entende-se, a partir das reflexões de Laffin (2013, p. 81) que a mesma compreende as “múltiplas dimensões e concepções presentes no fazer docente”. Essa multidimensionalidade produz processos identitários profissionais como sempre em construção, de modo inacabado, provisório e em permanente movimento de constituição.

De acordo com Freire (1976), mesmo diante do inacabamento e das instabilidades presentes nas relações cotidianas, a docência está implicada no rigor ético dos processos reflexivos. Neste trabalho articular-se-á docência, à postura epistemológica assumida e não negada, expressa no DP.

Por DP se entende o que propõe Orlandi (1983) que o estudou e o definiu como ligado ao ato de ensinar. Em seu estudo, a autora definiu o DP como Autoritário, elencando a ele características relativas ao seu funcionamento. Como efeito de um processo histórico em nossas memórias e, de acordo com o seu referente, conforme a autora, o DP, tal como o conhecemos, historicamente, e dele nos apropriamos, influencia e pode inculcar saberes e ideologias, tendo as suas mediações preenchidas, de uma forma geral, pelas ideologias dominantes que o constituem e comportam. De acordo com o seu referente, temática, abordagem a ensinar, haveria um apagamento “natural” da origem do conhecimento, pelo professor, de boa parte do que enuncia, estabelecendo-se, no DP, uma relação autoritária histórica de quem ensina e quem aprende. Para que esse cenário se modifique, a autora propõe que o DP, tipificado por ela, se abra para a presença, em seu interior, de outros tipos de discursos, como o Lúdico e o Polêmico.

De um modo geral sobre a sua tipificação, ao pensarmos ao nível da metalinguagem, considerando a palavra para explicar a palavra, explícita que o DP possui definições rígidas, cortes polissêmicos, direcionamentos organizados que conduzem a conclusões unívocas (ORLANDI, 2008). Já em níveis de cientificidade, o seu conteúdo se apresenta como um saber institucionalizado. Nesta perspectiva, enquanto instituição que historicamente legitima o DP, a escola é vista como a sede desse discurso, convertendo o mesmo em hierarquias sociais e em hierarquias escolares, como forma de legitimação e perpetuação de uma ordem social dada, numa convenção em que a mesma atua, como um modelo obrigatório. Portanto, o DP considerado como um dizer institucionalizado “na escola”, a garante, como sede socialmente reconhecida, a perpetuar concepções, valores, etc...

O nascimento da Análise de Discurso (AD) francesa está atrelado a uma proposta de intervenção política que "aparece como portadora de uma crítica ideológica apoiada em uma arma científica" (GADET, 1993, p. 8), cujo objetivo é o de combater o formalismo linguístico, a automatização presente na relação com a linguagem. A AD no Brasil amadureceu e se consolidou no campo dos estudos da linguagem realizados pelas ciências humanas, recebendo influências tanto dos estudos clássicos da análise do discurso europeia como da americana. Os estudos realizados na França por Michel Pêcheux contribuíram para o desenvolvimento dessa linha de pesquisa no Brasil, especialmente conduzida pela pesquisadora Eni Orlandi, na década de 70.

Araújo (2010) nos indica que a AD tem como finalidade compreender como a linguagem funciona e, nessa perspectiva, desloca da Linguística os conceitos de língua e de texto e traz das Ciências Sociais para o âmbito dos estudos da linguagem, em uma releitura, as noções de sujeito, de história e de ideologia, como elementos estruturantes do funcionamento da linguagem.

Parafraseando Orlandi (2007), a AD tem por finalidade entender como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos.

O entendimento do discurso tem na AD um arcabouço teórico-analítico que possibilita

a desnudação de como os sujeitos e sentidos são produzidos. O dispositivo analítico é construído pelo próprio analista e a questão que desencadeará a análise, em nosso caso: Como o funcionamento dos implícitos, estes sob a base de um imaginário memorizado, estão em presença na formulação do DP?

Em consonância a Araújo (2010), a ideologia é conceito estruturante na AD, que assume novos contornos, porque se desloca de um conceito sociológico para um conceito linguístico-discursivo: a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, levando-o a ocupar um lugar em uma determinada formação social, de onde ele se posiciona discursivamente, crendo ser o dono do seu dizer, desta forma, submete-se à ideologia pelo efeito da literalidade.

Então, a ideologia, na AD, é compreendida como resultado da relação do sujeito com a língua e a história, conduzindo para que haja o sentido. Portanto, o sujeito discursivo é ideologicamente “assujeitado” a uma formação discursiva, entendida como que, numa formação ideológica dada, regula o que pode e deve ser dito.

Para a AD, o interdiscurso é o lugar no qual se constroem sentidos sociais que formam a memória dos já-ditos que vigoram na sociedade. Dessa forma, o interdiscurso sustenta as possibilidades do dizer, uma vez que vincula esse dizer a uma memória, identificando-o em sua historicidade e evidenciando seus compromissos políticos e ideológicos. Assim o interdiscurso é do nível da constituição do sentido, o intradiscurso é do nível da formulação. Com isso, o intradiscurso é a representação material do interdiscurso (dos já-ditos) (sequências discursivas enunciadas pelo sujeito).

Pode-se falar que na memória há a presença de um estatuto de implícitos, o qual tem o seu funcionamento baseado em conteúdo memorizado, historicamente. Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha, portanto, sobre a base de um imaginário que representa como memorizado. Com isso, cada discurso faz apelo a (re)construção deste imaginário, calcado em respeito às formas que permitem sua inserção na paráfrase (sem poder provar que este implícito (re)construído tenha existido como discurso autônomo (ORLANDI, 2009).

Desta forma, elementos enunciativos que estes implícitos comportam propõem que o funcionamento do discurso em relação aos seus ditos operadores linguageiros funcionem com relação à imersão em uma situação (sendo o passado memorizado, o discurso, só pode trabalhar mediando reformulações que o direcionem no discurso concreto ao qual se encontra).

Para se atribuir sentidos a unidade, as ocorrências de repetição devem ser tomadas por uma regularidade (não deduzida no *corpus*). Portanto, na análise de AD, há uma dialética entre repetição e regularização, que em termos linguísticos significa que o *corpus* nunca apenas é suficiente para fundar a gramática, indicando que a regularização repousa sobre um jogo de forças, tendo o sentido como “limite”.

Faz-se necessário reconhecer as condições de como os sujeitos produzem os discursos, as quais estabelecem relação entre a linguagem e a exterioridade e comportam os mecanismos de funcionamento do discurso.

Refletiu-se ao longo desta escrita, no entanto, tendo a noção do inacabamento deste trabalho, pois o mesmo se constitui como parte de um estudo para elaboração de uma dissertação de mestrado profissional em educação, que a presença no DP dos implícitos, está ao nível da dialética entre repetição e regularização. Assim, todo um fechamento exercido por este jogo de força (regularização) se exerce na retomada de discursos, historicamente e socialmente constituídos. Com isso, paráfrases a considerar como derivações de possíveis em relação ao discursivo, entretêm, nesse jogo de força simbólico (reconhecimento, repetição).

Assim, demonstrando que o implícito trabalha sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, e cada discurso ao pressupô-lo, o vai fazer por (re)construção.

PALAVRAS-CHAVE: Implícitos. Discurso Pedagógico. Análise de Discurso.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória.** Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ARAÚJO, I. S. de. **Usos funcionais da escrita na história de vida dos atores da educação de jovens e adultos da Escola Municipal de Bananeiras / Ilha da Maré – Salvador – BA.** 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília,DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: mai. 2020.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa:** um guia para iniciantes. Trad. Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LAFFIN, M. H. F. **A constituição da docência entre professores de escolarização inicial de jovens e adultos.** Ijuí: Unijuí, 2013.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento:** As formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Análise de discurso:** Princípios e Procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. **Discurso e leitura.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PÊCHEUX, M. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4 ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Análise automática do discurso (AAD). *In:* GADET, Françoise; HAK, Tony. Trad. Bethania S. Mariani *et al.* **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993.